

## Laboratório de Designs para o Pluriverso: Práticas Educacionais Críticas no Ensino de Design

*14<sup>th</sup> Brazilian Congress on Design Research: Design Laboratory for the Pluriverse: Critical Educational Practices in Design Education*

OLIVEIRA, Livia; Estudante de graduação; UFPE

[livia.soliveira@ufpe.br](mailto:livia.soliveira@ufpe.br)

IBARRA, Maria Cristina; Professora Doutora; UFPE

[cristina.ibarra@ufpe.br](mailto:cristina.ibarra@ufpe.br)

O presente artigo é fruto de reflexões e análises envolvendo a necessidade de incorporar práticas críticas no ensino e pesquisa em Design. Nesse artigo, propusemos compartilhar práticas educacionais participativas ocorridas no “Laboratório de Designs para o Pluriverso”, grupo de estudos realizado no departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A partir dos conceitos de pluriversalidade, interexistência, relacionalidade e práticas para um design menos antropocêntrico, desdobrado por quatro autores, propomos problematizar teorias universalizantes propostas pelas escolas de design do século XX, e agregar epistemologias colaborativas que possibilitem a construção de um design relacional (ESCOBAR, 2018). Em seguida, apresentamos ações e métodos realizados na disciplina, orientados para a pluriversalidade. Finalizamos, fundamentando a relevância dessas práticas na formação de designers que repensem a vulnerabilidade dos povos indígenas da Amazônia e desigualdades sistêmicas de raças e gêneros no mundo.

**Palavras-chave:** pluriverso; design social; design com mais-que-humanos, design crítico.

*The present article is the result of reflections and analysis involving the need to incorporate critical practices in Design teaching and research. The research proposes to share participative educational practices that took place in the "Laboratório de Designs para o Pluriverso", a study group held in the Design department of the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). From the concepts of pluriversality, interexistence, relationality and practices for a less anthropocentric design unfolded by four authors, it is proposed to problematize universalizing theories proposed by 20th century design schools and to add collaborative epistemologies that enable the construction of a relational design (ESCOBAR, 2018). Next, actions and methodologies carried out in the discipline oriented to pluriversality are presented. We conclude by substantiating the relevance of these practices in the training of designers who rethink the vulnerability of indigenous peoples of the Amazon and systemic inequalities of race and gender in the world.*

**Keywords:** pluriverso; social design; design with more-than-humans, critical design.

## 1. Introdução

O presente artigo é fruto de reflexões e análises envolvendo as práticas educacionais participativas ocorridas no Laboratório de Designs para o Pluriverso, grupo de estudos<sup>1</sup> realizado no departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação da professora Maria Cristina Ibarra. Para tanto, propomos compreender a partir do uso de práticas participativas, táticas que refletem criticidade no ensino e pesquisa do Design. As temáticas abordadas foram resultado de uma oficina com estudantes organizada pela professora. A partir desse momento, os estudantes atuaram como participantes ativos do processo de criação do Laboratório e direcionaram o estudo em quatro módulos. Esses módulos foram: (1) Designs para o Pluriverso, (2) Design e Povos Originários, (3) Aproximações a um Design menos Antropocêntrico e (4) Design e Interseccionalidade. Este grupo de estudos foi ofertado durante dois períodos de trabalho remoto na UFPE: 2020.2 e 2020.3. No período letivo 2020.2, haviam duas turmas de 12 alunos cada uma. No semestre 2020.3, uma turma com 22 estudantes. Nas duas oportunidades, os estudantes eram de diferentes períodos, de segundo em diante.

Durante a elaboração do Laboratório de Designs para o Pluriverso enquanto Grupo de Estudos, foi trazido como eixo central a definição de Pluriverso, "um mundo onde caibam muitos mundos", conceito provindo do movimento Zapatista, desdobrado pelo antropólogo Arturo Escobar. Este conceito busca romper com a visão simétrica e dicotômica da modernidade. As dualidades se resvalam de reduções ontológicas como norte/sul, homem/mulher, humano/não-humano, nas quais provocam o apagamento da pluriversalidade existente no mundo. Essa perspectiva reitera a importância da disseminação de abordagens metodológicas providas do Sul Global para romper com as dicotomias modernas. Diante dessas referências teóricas, realizamos algumas questões direcionadoras para as aprendizagens do Laboratório de Designs para o Pluriverso:

O que é Pluriverso (mundos não-dicotômicos) e como este se relaciona com o design? Como o design pode aprender com os povos originários? Como criar aproximações com um design menos antropocêntrico? Como o conceito de design mudaria se visasse reduzir a desigualdade de gênero?

Ao longo dos dois períodos remotos nos quais ocorreu o grupo de estudos (01/04/2020 à 01/05/2021), o Design Participativo foi utilizado como prática-meio para a democratização do projeto, na medida em que permite que os envolvidos orientem o processo decisório (LINDSTRÖM, 2020). Nesse sentido, estimulamos a autonomia dos participantes, os próprios estudantes envolvidos, para que fossem realizadas elaborações projetuais importantes no uso de referenciais teóricos que pudessem expandir os horizontes do ensino e pesquisa inseridos no campo tradicional do Design. Foram identificados, ao longo do processo, povos originários e organizações indígenas em Pernambuco, e realizadas conversas com os treze povos indígenas, dentre eles Fulni-ôs, Xucurus e Pankararus. Além disso, também foram desenvolvidas atividades especulativas para reimaginar novas relações nos espaços urbanos para além do antropocentrismo, provocações acerca de novas práticas que situem o design em

---

<sup>1</sup> No contexto da graduação em Design da UFPE, é chamado de Grupos de Estudos ao que se conhece como disciplina em outras universidades, devido ao estímulo de práticas profissionais orientadas à problemas do campo do Design.

fronteiras ontológicas sobre participações de outra forma e as futuras possibilidades que isto poderia inaugurar (AKAMA, 2020).

No decorrer do desenvolvimento da grupo de estudos, Livia Oliveira, uma das autoras desta publicação, atuou em três momentos importantes para criação e desenvolvimento do Laboratório. Em primeiro momento, como participante da oficina de concepção das temáticas, objetivos e métodos. No segundo momento, como estudante, realizando e desenvolvendo as atividades práticas que foram concebidas no processo de ideação. E, por fim, atuou como monitora do grupo de estudos, juntamente com a professora, para agregar contribuições que mantivessem o compromisso com a expansão de conhecimentos do Sul Global e reflexões acerca de futuros possíveis a partir de novas ontologias no Design.

## 2. Relacionalidade como ativação de saberes outros

O antropólogo colombiano Arturo Escobar (2020) afirma que a conjuntura contemporânea está composta por devastações ecológicas e sociais generalizadas que se constituem através de ontologias dualistas de separação, controle e apropriação. Resultado de formas modernas arreigadas de ser, saber e fazer. Em sua perspectiva, recuperar o design para diferentes fins de pensar e construir o mundo, se dissocia de práticas patriarcais, capitalistas e hegemônicas, exige uma reflexão coletiva.

Em "*Designs for the Pluriverse*", Escobar (2018) aborda o design ontológico, no qual desenhamos o mundo e diversas formas de ser e existir nele, e esse mundo nos desenha de volta; e o design autônomo, que é relacional e está engajado com as lutas sociais e comunidades em defesa de sua autonomia, territórios e vida. Segundo o autor, vivemos em um modelo de crise civilizatório moderno, onde formas de viver e criar mundos são absorvidas por lógicas neoliberais. Diante das implicações sobre a atuação do design nessa conjuntura, o design para transições se torna uma visão insurgente para que designers contribuam com suas ferramentas para transições sociais, culturais e ecológicas, capazes de enfrentar as crises do clima, dos alimentos, da energia, da pobreza e dos significados (ESCOBAR, 2018), e, assim, possam contribuir também para perspectivas mais amplas nas quais as práticas sob as transições sociais possam direcionar para um futuro mais sustentável.

Nesse sentido, se conectarmos as mudanças práticas e ideológicas com o conceito de mundos pluriversais de múltiplas ontologias, a ideia de solução tradicional na prática do design se desmorona. Akama (2016), inspirada em Donna Haraway, desassocia a visão de projeto atrelada à solução, quando esta afirma que existem problemas para ficar com eles ao invés de focalizar em problemas definíveis, para que assim se possa aprender a permanecer, desfazer e ficar com o problema. Através disso, seguir uns com os outros, com a aguda consciência de que é necessário reconstruir condições mínimas ou parciais para continuar vivendo juntos diante de um mundo que sofre de destruições ecológicas e com tantas catástrofes. Assim, buscar formas processuais de reconstituir e reabilitar modos de viver e morrer que merecem um presente e futuro (HARAWAY, 2018) como prática constante.

Segundo Haraway (2016), necessita-se, portanto, de pessoas comprometidas com seus lugares reais, tanto com os povos indígenas, quanto com outros povos que vivem em seus lugares pela possibilidade de florescer. Essa capacidade de moldar seus mundos, através de ferramentas, soluções relacionais e colaborativas, está alinhada com processos do Design Participativo e Especulativo. O Design Participativo pode ser definido como um processo de investigação e o suporte à aprendizagem de múltiplos participantes na "ação-reflexão" coletiva. Dessa forma,

impulsiona esforços contínuos para a compreensão de como os processos colaborativos podem permitir a participação daqueles que, no futuro, serão afetados por seus resultados (SIMONSEN & ROBERTSON, 2018). O resultado do design é, no entanto, caracterizado por múltiplas incertezas, por exemplo, em termos de quem é afetado e como, assim como quem deve se preocupar com esses assuntos (HASSELT & GENK, 2018).

Nesse grupo de estudos, tratando-se de um ambiente educacional, que está sendo nomeado como laboratório foram implicadas as teorias do pedagogo Paulo Freire, a partir da perspectiva de uma educação como prática para a liberdade. Ao contrário daquela que é prática da dominação, na qual os estudantes se abstêm das mudanças no mundo, em que a negação do mundo é tratada como uma realidade presente dos estudantes. Nesse modelo, a dialogicidade é um ato inarredável. Existir implica pronunciar o mundo e modificá-lo. A conquista é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (FREIRE, 2018). Educadores e educandos superam o modelo bancário, visão na qual, já são seres passivos, cabendo à educação apassiva-los mais ainda e adaptá-los ao mundo.

### 3. Laboratório de Designs para o Pluriverso

O planejamento do grupo de estudos, Laboratório de Designs para o Pluriverso, surgiu através de uma oficina realizada pela professora Maria Cristina Ibarra, com estudantes da graduação em Design da UFPE. A proposição de ser um laboratório resgata o valor de que a teoria se combina com a prática, e que conhecimentos se constroem entre os participantes, a professora e os estudantes, e entre elas/eles mesmas(os). Não há 'depósito' de conhecimentos no estudante (FREIRE, 2019), a aprendizagem se constrói na relação.

Nesse sentido, inspirada em teorias do Design Participativo (DP) e do educador Paulo Freire, a professora buscou criar um espaço de construção conjunta. O DP se constitui na ideia de que aqueles afetados por uma decisão devem ter a oportunidade de influenciar e direcionar para os processos decisórios, entendendo, nesse processo, a complexidade existente na colaboração e co-criação que aponta direções futuras. Assim, os múltiplos atores, ricos em desafios e oportunidades, podem utilizar como ponto de entrada questionamentos de sistemas sociais, técnicos e ecológicos para direcionar pesquisas e ações (HASSELT & GENK, 2018). A relação de construção de conhecimento, nesse caso, parte da relação, afeto e autonomia, na medida em que o estímulo orientado aos estudantes afetados pelo contexto, no qual estão inseridos, possam desenvolver práticas propositivas e contínuas.

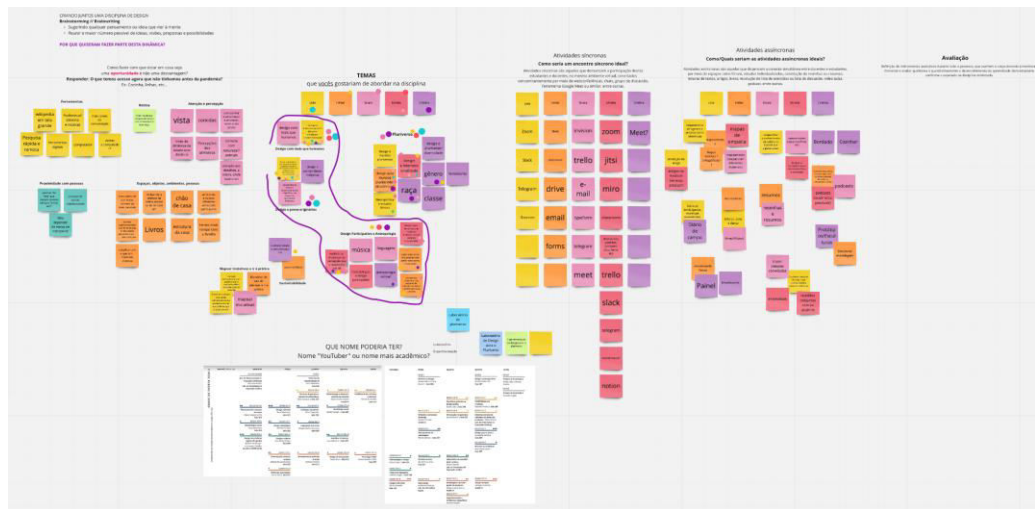
Em relação a Paulo Freire, o planejamento do grupo de estudos considerou que para a construção de uma educação emancipadora, os estudantes devem ser agentes condutores dos seus processos educacionais (Freire, 2019). Assim, a oficina de construção do Plano de Ensino do grupo de estudos teve início com a participação de cinco estudantes: Bruna Avellar, Hélder Pessoa, Iara Maçaira, Lívia Oliveira e Thaís Barbosa. Devido à pandemia da COVID-19, a oficina ocorreu a partir de reflexões acerca das oportunidades existentes entre os estudantes para participarem de um grupo de estudos remotamente; de quais temáticas e eixos de aprendizagem os estudantes gostariam de abordar no grupo de estudos; e, por fim, como seria um encontro síncrono e assíncrono ideal diante dos recursos existentes.

A atividade foi iniciada com os estudantes respondendo perguntas em um intervalo de 5 minutos cada uma, seguindo a técnica do *brainstorming*. A dinâmica foi conduzida na Plataforma Miro, utilizando *post-its* virtuais. Após a finalização de cada uma das respostas, o grupo conversou sobre as ideias que cada participante tinha trazido. Em relação às temáticas a serem desenvolvidas no grupo de estudos, que foi o objetivo da oficina, após o *brainstorming*, os *post-its* foram agrupados pelos participantes em categorias. Quatro

categorias foram identificadas. Elas foram: *design com mais-que-humanos*; *design e povos originários*; *pluriverso*; *design participativo e antropologia*.

A partir dessas categorias, foi sugerido como atividades em sala de aula, para cada temática, a realização de mapeamentos de agentes e projetos como referências, além de práticas experimentais como bordado, *podcasts*, desenhos e exercícios etnográficos para pesquisas de campo em Recife. Na Figura 1, apresentamos uma captura de tela do painel final resultante da oficina.

Figura 1 - Captura de tela do painel final resultante da oficina.



Fonte: Livia Oliveira

A partir das categorias criadas e identificadas pelos participantes da oficina, a professora Maria Cristina Ibarra criou o plano de aula no formato solicitado pela Universidade. Como uma tentativa de criar um espaço de reflexão, prática e aprendizagem entre estudantes de design, o grupo de estudos 'Laboratório de Designs para o Pluriverso' surgiu com o interesse em problemáticas que têm se reafirmado durante a pandemia do novo coronavírus no país como: a vulnerabilidade da Amazônia e dos povos indígenas e a violência, discriminação e desigualdade de raças e gêneros no Brasil e no mundo. Desse modo, o livro '*Designs for the Pluriverse*', de Escobar (2020), foi utilizado como referencial do grupo de estudos para problematizar o conceito de universalização proposto pelas escolas de design do século XX e para agregar epistemologias colaborativas que possibilitem a construção de um design relacional.

O grupo de estudos foi subdividido em módulos de aprendizagens, os quais perpassam a representação do design como uma prática pluriversal, interseccional e menos antropocêntrica. Nesse sentido, a grupo de estudos como um todo propunha:

- **No módulo 1 - Designs para o Pluriverso:** Problematicar o conceito de universalização e refletir acerca da relacionalidade, participação e comunalidade a partir dos conceitos do antropólogo Arturo Escobar, enquanto fios condutores nas práticas de um Design não-dicotômico.
- **No módulo 2 - Design e Povos Originários:** Analisar como o design pode aprender com povos originários e organizações indígenas no Brasil, realizando mapeamentos e aproximações que possam dar origem a ações conjuntas.
- **No módulo 3 - Aproximações a um Design Menos Antropocêntrico:** Refletir sobre arquétipos que emergem de danos ambientais, ecológicos e políticos, a partir da

centralização de sistemas e conhecimentos baseados somente em seres humanos. Assim, abordar os desafios de criar relações e projetos interespecíes.

- **No módulo 4 - Design e Interseccionalidade:** Discutir temas como raça, gênero e classe no design. Incorporar a percepção da interseccionalidade que resguarda a redução de discriminações e desigualdades na pesquisa em design, concepção e produção de artefatos.

A partir da execução dos módulos, foi introduzido o conceito de pluriverso com o objetivo de construir maneiras para projetar em mundos não-dicotômicos. Além de conjuntamente agregar esses conhecimentos para especular como seria um design menos antropocêntrico, ou seja, um design que não só se foca apenas no ser humano, mas também em mais-que-humanos, como animais, rios, rochas, entre outros. E, por outra perspectiva, também gerar contribuições e reflexões acerca da relação teórica da interseccionalidade atrelada a questões do design que articulam arquétipos existentes entre raça, gênero e classe.

A tabela sintetiza as atividades realizadas em cada módulo, nos dois períodos, pelos estudantes.

Tabela 1 – Módulos Interseccionais do Laboratório de Designs para o Pluriverso

Módulo	Atividades - Semestres 2020.2 - 2020.3
Módulo 1 - Designs para o Pluriverso	<p><b>1) O que é Pluriverso?</b> O que é o Pluriverso (mundos não-dicotômicos)? O que esse conceito tem a ver com design? Debate sobre o primeiro episódio do documentário Guerras do Brasil com Ailton Krenak Educação da atenção ou 'para que serve a antropologia'?</p>
Módulo 2 - Design e Povos Originários	<p><b>2) Design e Povos Originários</b> Justapondo conhecimentos acadêmicos e ancestrais. Mapeamento de grupos e organizações indígenas em Pernambuco. Exercício de bordado.</p> <p><b>3) Como designers, o que podemos aprender com os povos originários?</b> Conversas com povos indígenas em Pernambuco Análise da entrevista a partir de como o design pode aprender com os povos originários.</p>
Módulo 3- Aproximações a um Design Menos Antropocêntrico	<p><b>4) Aproximações de um design menos antropocêntrico</b> Aula expositiva sobre design com mais-que-humanos, antropoceno em Pernambuco e documentário "Seaspiracy". Aproximações a um design menos antropocêntrico e Design com mais-que-humanos.</p>
Módulo 4 - Design e Interseccionalid ade	<p><b>5) Racismo no Brasil</b> Debate sobre a entrevista de Djamila Ribeiro, análise de entrevista com a designer Lesley Ann Noel para o Podcast Sentipensante</p> <p><b>6) Design e racismo</b> Debate sobre o texto "Design Thinking é um rebranding para a supremacia branca". Aula Expositiva sobre Nas Rodas e Nas Redes (2020.3).</p>



Exercício sobre Design e Feminismo.

#### 7) Design e Feminismo

Apresentação do exercício e encerramento do Grupo de Estudos

Texto: "O design que o design não vê": raça, gênero e classe; de Mário Moura.

---

Fonte: Livia Oliveira

### 4. Módulos Interseccionais do Laboratório de Designs para o Pluriverso

A interseccionalidade, como um campo presente dentro das temáticas do grupo de estudos, Laboratórios de Design para o Pluriverso, surge com o interesse de unir conhecimentos, na medida em que a prática se consolida com a experiência empírica. Assim, o design se apresenta em diálogo com um mundo emergente de impactos ecológicos e sociais generalizados. A partir das análises realizadas em contato com a prática e a vivência de todos os envolvidos no grupo de estudos, conjuntamente com o suporte teórico foram elaboradas reflexões, ações e projetos modularizadas a partir dos objetivos de aprendizagem atrelados à pluriversalidade, design e povos originários, design com mais-que-humanos e design e interseccionalidade. Nessa seção, buscamos explicar o arcabouço teórico que embasou cada um dos quatro módulos que compunham o grupo de estudos. Nos propusemos, portanto, desafiar a pesquisa e a prática participativa existente, acompanhando as iniciativas emergentes que poderiam surgir para levar com seriedade o desenho participativo realizado no grupo de estudos, no qual se incluem política, pessoas, contexto, métodos e produto (HASSELT & GENK, 2018).

#### 4.1. Designs para o Pluriverso

A construção de mundos não-dicotômicos se constitui através problematização de desenhos universalizantes que não dialogam para uma prática pluriversal e intra-epistêmica (ESCOBAR, 2018). Através dessa concepção, a iniciação do módulo de Designs para o Pluriverso se deu através da análise do documentário Guerras do Brasil. Um dos protagonistas do documentário é Ailton Krenak, liderança indígena, que reitera o valor de expandir as visões de mundo construídas na lógica ocidental e insiste que ainda hoje o Brasil é um país que permanece em contínuas guerras civis, simbólicas e ideológicas, principalmente aos povos afro-indígenas que vivem pelo florescimento da vida. Além dos debates acerca das diligências territoriais existentes sobre diversos povos indígenas no Brasil, também foi introduzida a leitura do texto "Sobre Levar os Outros A Sério", do antropólogo britânico Tim Ingold (2018), que traz contribuições da antropologia que servem de base para repensar as práticas do design nesse contexto.

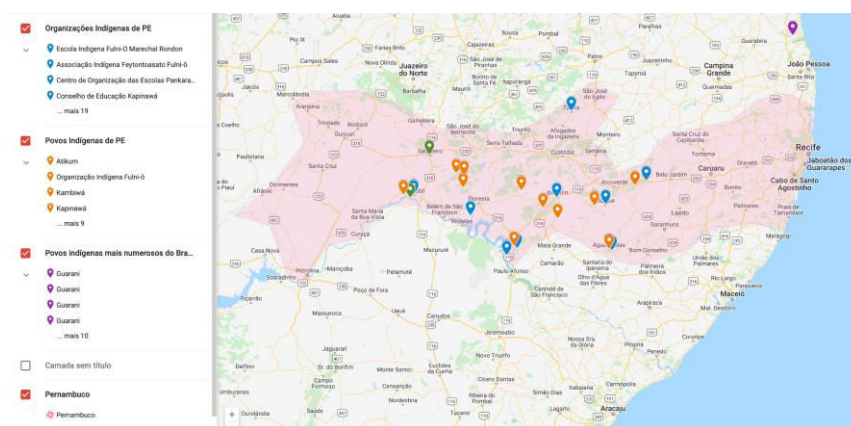
Essa leitura orienta o processo de se unir às pessoas na tarefa comum de encontrar formas de viver, partindo do entendimento de que não se trata, aqui, de descrever outras vidas. Segundo Tim Ingold (2018), o papel de observador participante é estudar com as pessoas e não sobre as pessoas, criar laços na medida em que o próprio mundo nos desenha; é estimular a escuta ativa, observação participativa e não-hierarquizante; e se abrir ao compromisso de aprender fazendo, com os desafios que se desdobram na prática. Nesse sentido, os estudantes condicionaram o debate de como a leitura do texto está relacionada ao design. Eles trouxeram questões que atribuem aos designers o papel de se permitir ser educados pelos outros, não

apenas construir métodos de coleta de dados em campo (INGOLD, 2018).

#### 4.2. Design e Povos Originários

O módulo Design e Povos Originários se baseou em reflexões baseadas no extrativismo, em particular o que causa violências e violações aos povos indígenas no território brasileiro. No primeiro encontro do módulo, foi realizado um mapeamento coletivo dos povos e organizações indígenas presentes no Estado (Figura 3). A turma foi dividida em equipes, possibilitando o contato com organizações indígenas em Pernambuco. No total, foram treze organizações com as quais houveram conversas, entrevistas e foram recolhidos depoimentos com as respectivas lideranças das regiões. Esses depoimentos contribuíram para aprofundar as reflexões acerca de práticas situadas no campo do Design. Atuaram, como participantes ativos, os povos Fulni-ôs, Xucurus de Ororubá, Pankararus, Atikum, Kambiwá, Atikum, Pankará, Truká, Pipipã, Tuxá de Inajá e Xucuru de Cimbres, que agregaram a compreensão das lutas contra o terricídio, um conceito que configura o impacto das mudanças climáticas e ecológicas geradas pelo antropoceno e a respectiva ação humana nos territórios (ESCOBAR, 2018). Além do mapeamento para identificação dos povos indígenas no Estado de Pernambuco, também recebemos em sala de aula duas lideranças indígenas, Marcela Xucuru (semestre 2020.2) , professora de matemática do ensino fundamental, e Carmem Pankararu, secretária de saúde em Pernambuco (semestre 2020.3).

Figura 3 - Mapeamento de organizações indígenas em Pernambuco, realizado no Laboratório de Designs para o Pluriverso



Fonte: Livia Oliveira

Na primeira vez que o grupo de estudo foi ofertado (semestre 2020.2), contamos com a participação de Marcela Xucuru, que compartilhou a importância do acesso à educação e permanência dos estudantes indígenas nas instituições de ensino do seu território. Com o objetivo de estimular a permanência de crianças e jovens nas escolas Xucurus, Marcela utilizou símbolos, signos e referências comumente reconhecíveis pelos seus estudantes. Nesse sentido, os cálculos matemáticos estão relacionados ao contexto no qual os jovens estão inseridos, o que potencializa o interesse dos envolvidos. Essa estratégia de ensino é utilizada



para que seus estudantes se sintam mais à vontade para concluir o processo de formação até o ingresso na universidade. Esse fato também está atrelado à necessidade de manter arraigados os costumes e os hábitos tradicionais do seu povo na juventude, que, ao longo da passagem de gerações, está se perdendo.

Na segunda vez, no semestre de 2020.3, a nossa convidada foi Carmem Pankararu, liderança indígena e gestora da secretaria de saúde de PE. A trajetória de Carmem está atrelada ao compromisso com a disseminação do Sistema Único de Saúde (SUS) para todos os povos originários do país. Seu trabalho está dedicado à montagem de equipes capazes de navegar entre fronteiras, transportar medicamentos que correspondam às culturas locais de cada povoado e adaptar a linguagem para a compreensão de diversas oralidades além do português. As duas contribuições com diferentes perspectivas de Marcela e Carmem iniciaram um ciclo de conversas e entrevistas que cada grupo de estudantes deveriam realizar a partir da escolha de um território originário em Pernambuco. Essas conversas geraram aproximações com o intuito de compartilhar saberes outros, além do viés acadêmico, universalizante e hegemônico diretamente relacionados ao processo do fazer Design.

Como finalização deste módulo, foi estimulado que as equipes responsáveis pelo contato mais próximo com os povos indígenas, pudessem auxiliar, oferecer ou entregar algum artefato para agradecer, contribuir e dar continuidade às relações iniciadas no grupo de estudos. Foram entregues 34 bordados e desenhos que representassem o significado de cada conversa realizada com as lideranças indígenas contatadas. Justapor conhecimentos acadêmicos e ancestrais foi o objetivo principal desse módulo para que o território pudesse surgir como um espaço, um tecido-mundo de resistência e reexistência e, portanto, pudéssemos falar que as lutas contra o extrativismo correspondem à luta pela defesa das florestas, das sementes, águas, das montanhas, toda uma reativação política dessas cosmovisões e desses mundos relacionais (ESCOBAR, 2018). Evidenciamos abaixo (Figura 4) contribuições realizadas pelos estudantes nos dois períodos do grupo de estudos que apresentam os conceitos de relacionalidade e luta contra o Terricídio a partir da vivência de povos originários em Pernambuco. Na figura 4, vemos um card projetado pelos alunos Natália Oliveira, Bruna Oliveira, Gabriel Furmiga, Vítor Monte e Livia Oliveira, para divulgação do Coletivo Fulni-ô de Cinema bem como um desenho do aluno X exigindo a proteção do Sistema Único de Saúde - SUS.

Figura 4 - Divulgação Coletivo Fulni-ô de Cinema e Ilustração para Carmem Pankararu realizadas por estudantes participantes do Laboratório de Designs para o Pluriverso



Fonte: Natália Oliveira, Bruna Oliveira, Gabriel Furmiga, Vítor Monte e Lívia Oliveira

#### 4.3. Design com mais-que-humanos

Na primeira vez que executamos esse módulo (semestre 2020.3), a atividade foi baseada no texto “A Árvore como Método” de Hasselt e Genk (2018), na qual era necessário utilizar o Design Especulativo como ferramenta principal para repensar futuros possíveis, principalmente que pudessem estimular a prática de um design menos antropocêntrico. A proposta inicial era observar um animal ou planta presente na rua que cada participante morava e imaginar que, se essa rua fosse projetada para esse animal ou planta escolhida, quais seriam as modificações urbanas e as outras necessidades estruturais ainda não existentes? E se a árvore fosse “dona” da rua, como ela seria projetada? A partir de exercícios especulativos guiados, foram realizadas pesquisas acerca dos mais-que-humanos existentes nas regiões de cada estudante. A partir das dinâmicas fisiológicas, estruturais e experienciais de cada mais-que-humano no espaço urbano, os participantes realizaram projeções que modificaram as suas ruas e, a partir dessas mudanças, pudessem justificar teoricamente o seu plano projetual.

Em contrapartida, na segunda vez que esse exercício foi realizado dentro do grupo de estudos (semestre 2020.3), modificamos a experiência para que cada participante, ao iniciar, pudesse entender o impacto no Antropoceno em PE. Foi realizada uma pesquisa em que as equipes pudessem apresentar eventos que demonstrassem os impactos ecológicos e sociais no Antropoceno em PE. A partir da identificação e contextualização desses cenários, foi gerado um ponto de partida utilizando o Design Especulativo como ferramenta projetual. Através dos eventos pesquisados que demonstram impacto ecológico no território, foi gerado outra série de questões direcionadoras: Quais ferramentas poderiam ser geradas para reduzir o impacto do Antropoceno no território? Como preservar a rede complexa de relações entre o humano e o mais-que-humano nesse território?

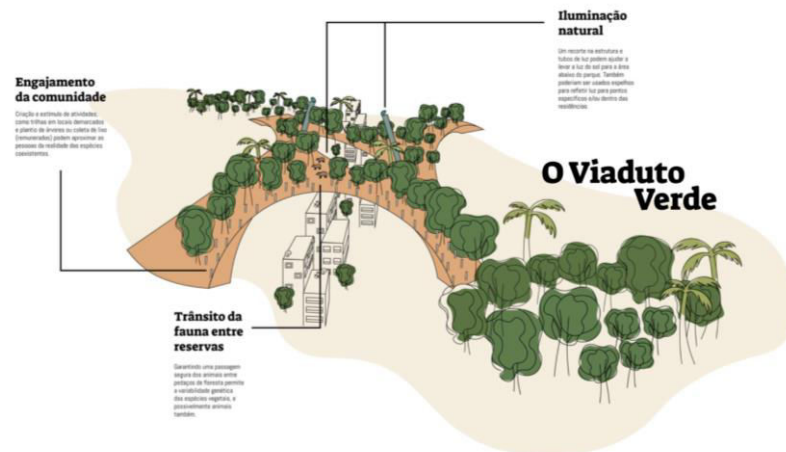
Nessa perspectiva, foram realizados 12 projetos (nas duas turmas do período 2020.2) que visam a redução do impacto do Antropoceno em Pernambuco. Dentre eles, o Panorama da Reserva da Mata do Frio (PE), realizado pelas alunas Meyrillan Souza, Natália Oliveira e Bruna Oliveira. Nele, as estudantes analisaram os processos que direcionaram o território para profundos loteamentos ilegais com intensos desmatamentos e queimadas. Igualmente, estudaram o processo de isolamento de espécies e o efeito borda gerado a partir de processos

de extração, poluição e defaunação que afastam a população local e as espécies nativas do território. Após o processo de diagnóstico territorial e suas implicações, foram realizadas entrevistas e, conjuntamente, o exercício especulativo para repensar esses impactos. A proposta trazida pelas alunas, readequou o espaço urbano, priorizando o trânsito de faunas entre reservas existentes, o qual conta com o apoio de mobilização da comunidade com trilhas e plantio de espécies coexistentes, além da iluminação natural que foi perdida com os processos extrativistas (Figura 5 e Figura 6).

Figura 5: Panorama atual da Reserva da Mata do Frio (Pernambuco)



Figura 6: Proposta Especulativa para reaver a Reserva da Mata do Frio (Pernambuco)



Fonte: Meyrillan Souza, Natália Oliveira e Bruna Oliveira

Desafiamos, por meio deste exercício, a pesquisa e a prática participativa existente, acompanhando as iniciativas emergentes para levar a sério a participação não-humana e as necessidades da natureza. Portanto, apontar direções futuras que explorem como ponto de entrada múltiplos atores, analisando os desafios e as oportunidades de transformação dos ecossistemas urbanos, visando práticas menos antropocêntricas. Buscamos priorizar a interdependência radical, no sentido de que não apenas tudo está relacionado a tudo, mas

tudo depende de que todo o resto exista (ESCOBAR, 2018).

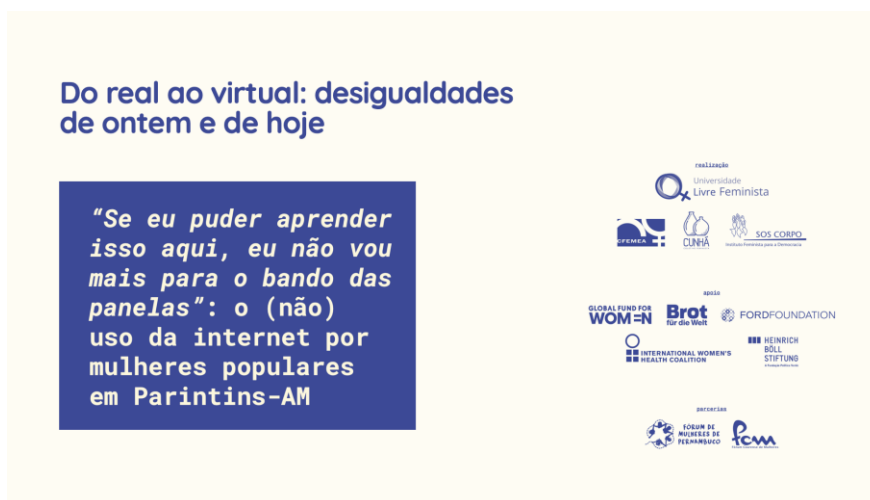
#### **4.4. O Design que o Design não vê: Raça, Gênero e classe**

O módulo de Design e Interseccionalidade foi desenvolvido com objetivo de questionar sistemas operantes de desigualdades de gênero que também constituem recortes de raça e de classe para construir supremacias e gerar contextos de violência patriarcal e racista na América Latina. O fazer design, em seu processo identitário moderno, fortifica a universalidade e a neutralidade por oposição a conceitos de raça, gênero e classe para cumprir uma economia metodológica e durabilizar as soluções encontradas (MOURA, 2021). Nesse sentido, o discurso funcionalista do séc. XIX, para o qual a forma deve seguir a função em seus modos de trabalho coletivo e industrial, agrega no design enquanto formação disciplinar, no entendimento de que a estratégia das práticas não se limitam somente à forma, mas também podem articular valores sociais. Em termos de ações racializadas, segundo Mário Moura (2021), foi-se construindo estratégias no campo do design para produzir não apenas modos de representar graficamente o racismo, mas maneiras de articular racialmente decisões formais.

Utilizamos, como referencial teórico para guiar os projetos, “O design que o design não vê: raça, gênero e classe”, de Mário Moura (2021), e o “Design Thinking é um rebranding para a supremacia branca”, texto de Darin Buzon (2020) traduzido por Eduardo Souza. Essas duas leituras orientaram reflexões acerca de como metodologias no campo do design tendem a reafirmar práticas eurocêntricas, frequentemente, embranquecidas e com disparidades de gênero e classes sociais bem definidas. Uma vez que a linguagem é utilizada com intenção de atingir um público-alvo, no qual os padrões de consumo e necessidades cotidianas estão direcionadas às classes mais abastadas, tendência a manutenção de desigualdades de classe e gênero. Com o intuito de aprofundar essas reflexões, no semestre 2020.3, realizamos uma aula expositiva baseada no livro “Nas Rodas e Nas Redes”, para explorar em Parintins, Pacajus e Recife, territórios de pesquisa, como se constituem a desigualdade de gênero através da exclusão digital de forma prática.

A aula expositiva Nas Rodas e Nas Redes foi lecionada pela monitora, Lívia Oliveira e se iniciou com a provocação gerada através do Alfabeto Crítico do Design desenvolvido pela designer Lesley Ann-Noel. Esse material se propõe utilizar as iniciais do alfabeto para sugerir definições e questionamentos críticos que guiam os projetos com o intuito de tornar as decisões formais menos atreladas a estruturas que geram desigualdades, pelo contrário, que possam subvertê-las. A partir da palavra Feminismo e a pergunta direcionadora “Como o conceito de design mudaria se visasse reduzir a desigualdade de gênero?”, a monitora Lívia Oliveira apresentou, através desse questionamento, referenciais e práticas projetuais que atuam utilizando a interseccionalidade como atravessador das suas estratégias. Agregando, nesse sentido, a perspectiva de tornar visível e privilegiar as lutas e existências das mulheres e sujeitos etinizados e suas sexualidades, proposição realizada pela pesquisadora Diana Gómes (2018), também resgatada em sala de aula, ao estimular o conhecimento pelo luto e para a cura. Então, a provocação principal se deu com o objetivo de articular projetos que sejam hábeis de regenerar contextos marcados por violências patriarcais e racistas na América Latina ao

A partir desta perspectiva foi apresentada a ação Nas Rodas e Nas Redes da Universidade Livre Feminista (Figura 7), que buscou analisar como mulheres negras, periféricas, ribeirinhas e do campo no Brasil, sofrem o impacto das desigualdades através da exclusão digital. A falta de acesso à internet potencializa o número de mulheres que não continuam sua educação formal e tendem a assumir os serviços domésticos como uma realidade estagnada. A partir desse cenário, provocações que agregam para o aprofundamento crítico surgem questionando quantos neologismos se fazem a exclusão digital, de quem são os que têm pleno acesso à ferramentas e dispositivos digitais, onde estão concentrados esses produtos e quem produz essas narrativas hegemônicas. A exemplo dessa iniciativa que criou um diagnóstico para evidenciar o acesso à internet por mulheres em realidade, contextos e formações diferentes, provocamos em sala de aula, na primeira versão da atividade, que os estudantes trouxessem referências no campo do design que corroboram desigualdades de gênero, já na segunda versão, solicitamos que os estudantes trouxessem ações existentes no design que visassem reduzir a desigualdade de gênero, assim como as iniciativas mostradas na aula expositiva. Obtivemos como resultado ao final do módulo, mapeamentos projetuais elaborados fundamentalmente por mulheres designers em diversas áreas e campos de conhecimento. Além de trechos das leituras realizadas nessa etapa que elucidaram essas pesquisas subsequentes.



Fonte: Livia Oliveira

## 5. Resultados e Discussão

Durante a realização de cada módulo, foi estimulado que os estudantes experenciassem, de forma prática, sobre os conceitos teóricos provocados durante o grupo de estudos. Houve a realização de discussões sobre pluriverso no campo do design; projetos especulativos para um design menos antropocêntrico; conversas, entrevistas e mapeamentos com povos originários e organizações indígenas em PE; e, por fim, análise de similares de iniciativas no design que visam reduzir as desigualdades de gênero. Essas realizações projetuais expandiram a percepção de ambas as turmas realizadas sobre o design, em suas formas de ser e fazer, ao operar em contato com o mundo.

Dessa maneira, os conteúdos abordados trouxeram limites e alcances da potencialidade do design ao intercalar a pluriversalidade, a interexistência, a relacionalidade e um design com mais-que-humanos para reduzir os impactos ecológicos e sociais existentes na contemporaneidade. Permanecemos com o questionamento “Como situar o design em práticas críticas e não-universalizante?”, que emerge como provocação para que a pesquisa e a prática no design sejam concomitantemente elaboradas e transformadas pela experiência.

## 6. Considerações Finais

Os mundos têm futuros, e repensar os movimentos em direção à descolonização e ao reconhecimento de muitas formas de coexistência é o primordial. Através dessa afirmação, o presente artigo teve, como o principal objetivo, refletir e possibilitar discussões acerca da introdução de práticas participativas e críticas no ensino do Design, ao evidenciar empiricamente a experiência da concepção até a implementação do grupo de estudos “Laboratórios de Designs para o Pluriverso”, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Buscamos, ao longo do processo de desenvolvimento do grupo de estudos, utilizar práticas consonantes com os conceitos de pluriversalidade, interdependência, relacionalidade e práticas para um design menos antropocêntrico propostos pelos autores Arturo Escobar, Donna Haraway e Yoko Akama, alinhados à pesquisa especulativa desenvolvida por Pettersen et al. (2018).

Durante a elaboração dos módulos de aprendizagens, utilizamos a participação na construção de conhecimento como ferramenta anti-disciplinar, para priorizar a perspectiva e as



necessidades dos estudantes que serão diretamente afetados pelo ensino. A desconstrução de modelos universalizantes do século XX, tornou-se o fio condutor para refletir modelos outros para a formação de designers que aprendam a se relacionar e coexistir no mundo, e que, por meio disso, possam pensar eticamente em um futuro emaranhado, disposto de conexões, além dos modelos escalonáveis aos moldes industriais. Ademais, que possam seguir um fluxo de ideias nos processos de design que representem diversas epistemologias, adentrando o Sul Global, ao reconhecer as políticas latino-americanas contemporâneas.

Os eixos temáticos do grupo de estudos percorrem o reconhecimento da pluriversalidade na ontologia do design. Por meio disto, as conversas realizadas durante esse processo, que exercitam a observação participante na prática da pesquisa, adentraram os saberes originários, com o auxílio de organizações indígenas em Pernambuco. E, por sua vez, também atuam na elaboração de projetos no campo do design que visam reduzir a desigualdade de gênero em diferentes instâncias. Ao longo da execução do grupo de estudos "Laboratório de Designs para o Pluriverso", percebemos que os questionamentos que orientaram o desenvolvimento prático de cada módulo e inserção do design, em todos os contextos latentes, puderam ser respondidos através do exercício projetual.

## 7. Referências Bibliográficas

AKAMA, Yoko; Light, ANN; KAMIHIRA, Takahito. 2020. **Expanding Participation to Design with More-Than-Human Concerns**. In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 - Participation(s) Otherwise - Vol 1 (PDC '20: Vol. 1), June 15–20, 2020, Manizales, Colombia. ACM, New York, NY, USA, 11 pages. <https://doi.org/10.1145/3385010.3385016>.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.

BUZON, Darin. **Design thinking é um rebranding para a supremacia branca**. Medium. Disponível online: <https://medium.com/@souzaeduardo/design-thinking-%C3%A9-um-rebranding-para-a-supremacia-branca-5839d772df51> Acesso em: 14. Jul. 2020.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal** / Arturo Escobar. --Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016. Dipo.

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra: Nuevas lecturas sobre el desarrollo, territorio y diferencia**. Ediciones Unaula, Medellín, Colombia, 2018.

ESCOBAR, Arturo. **Contra o terricídio**. N-1 Edições. 2020. Disponível em: <https://www.n1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 15 mai. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido** -69. ed.-. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019. 256 pp.

HARAWAY. Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom – Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rafa-carvalho-...e-uma-vergonha/>

INGOLD, T. Sobre levar os outros a sério In: INGOLD, T. **Antropologia: Para que serve**. Petrópolis: Editora vozes, 2018. p. 7-19

JONSSON, Li; LENSJÖLD, Tau Ulv. **Speculative prototypes and alien ethnographies:**

**Experimenting with relations beyond the human.** Diseña 11 \_ Julio, 2017 \_ páginas 134 - 147  
Disponível em: <http://revistadisena.uc.cl/index.php/Disena/article/view/85/93> Acesso em: 13 Jun 2020.

PETTERSEN, I.N.; GEIRBO, H.C.; H. JOHNSRUD. 2018. **The tree as method: co-creating with urban ecosystems.** In Proceedings of the Participatory Design Conference 2018, Hasselt & Genk, Belgium, August 2018, 5 pages. DOI: 10.1145/3210604.3210653.

LINDSTRÖM, Kristina; STÅHL, Åsa. 2020. **Un/Making in the Aftermath of Design.** In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 - Participation(s) Otherwise - Vol 1 (PDC '20: Vol. 1), June 15–20, 2020, Manizales, Colombia. ACM, New York, NY, USA, 10 pages. <https://doi.org/10.1145/3385010.3385012>.

MOURA, M. **O Design Que O Design Não Vê: Gênero, classe e raça.** Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2018.